

editorial

O calendário ativista do movimento negro e de mulheres negras está catalizando as atenções no mês de julho. Por isso, trazemos artigo de Gláucia Matos analisando a atuação e discussão das mulheres negras referente à preparação para a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas e os desafios para a organização das mulheres negras brasileiras.

Não poderíamos deixar de protestar contra a violência ocorrida em Gênova, Itália, durante a reunião de Cúpula do G-8 (dos países mais ricos, mais a Rússia), de 18 a 21 de julho. Paralelamente a esse encontro, o Fórum Social de Gênova se reuniu e participou de manifestações de protesto.

Além da violenta repressão policial às manifestações de rua, cujo saldo foi um jovem morto, houve a invasão igualmente violenta da polícia italiana do local onde o Fórum Social se reunia.

Essa escalada de violência demonstra que a vitória da direita italiana que elegeu Berlusconi, trata as manifestações democráticas com métodos facistas. Foi a mais violenta atuação policial de todas as manifestações internacionais recentes antiglobalização neoliberal.

Esses fatos revelam que a alegada preocupação de combater a pobreza dos governos neoliberais, além de ilusória, não aceita confrontar-se com as diferentes vozes da sociedade civil internacional que questionam o fracasso e a crueldade de suas políticas no mundo inteiro.

Como não poderia deixar de ser, a presença das mulheres nas mobilizações e fóruns de discussão em Gênova foi marcante.

SOF

A organização das mulheres negras diante de novos espaços e desafios

por Gláucia Matos*

Em 2001, as mulheres negras estão participando de vários espaços de articulação e discussão política no plano nacional e internacional. O desafio é canalizar todo esse acúmulo de experiências e debates para um processo que construa alternativas de organização e ações coletivas que possibilitem transformar a vida das mulheres negras e dos demais setores discriminados da sociedade.

Tanto as mulheres negras quanto o movimento negro nesse último ano se pautaram para discutir a sua participação na Conferência Mundial contra o racismo, a discriminação racial e a xenofobia e todas as formas de intolerância, que vai acontecer de 30 de agosto a 07 de setembro de 2001, em Durban, na África do Sul. Essa é uma Conferência da ONU, onde os países membros participam discutindo o rumo das políticas para combater esses problemas.

O que as entidades consideradas pela ONU não governamentais, desde Igrejas, partidos políticos, ONGs, movimentos estão fazendo? Estão buscando discutir paralelamente uma pauta que possibilite negociar com os governos de seus países e no mundo, algumas reivindicações frente ao racismo e combater essas formas de intolerância que abrangem os setores da sociedade que se sentem discriminados e excluídos. O Fórum das ONGs acontecerá de 28 de agosto a 01 de setembro de 2001.

Novos espaços de luta contra o racismo e o sexismo

No continente americano, a partir do Caribe, da América do Sul e da América Central, o movimento negro tem trabalhado em torno do conceito de afro-descendência. Então, nós mulheres



Cartaz do Centro de Referência Nazareth Cerqueira

negras estamos buscando uma alternativa para organizar as nossas reivindicações a partir de uma identidade de mulheres afro-descendentes latino-americanas e caribenhas.

No Brasil, temos nos organizado ao longo dos anos, tentando construir um

ponto de vista das mulheres negras. Aqui, a partir desse processo da Conferência Mundial contra o Racismo foram criados dois espaços de organização para discutir as políticas e a pauta de negociação com os governos, tanto o nosso, quanto os outros governos que fazem parte dos blocos dos continentes.

No país, foi criado o Fórum Nacional de Entidades Negras Pró-Conferência contra o Racismo, onde participam várias entidades organizadas do movimento negro e de mulheres negras. A discussão das propostas das mulheres negras, em nível da Conferência, basicamente passa por esse espaço, pela Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras e pela Articulação Nacional de Mulheres Negras Pró III Encontro Nacional de Mulheres Negras. Nesses Fóruns as mulheres negras têm buscado discutir as políticas de ações afirmativas e estratégias para participar dos Fóruns preparatórios da Conferência.

Essas duas articulações de mulheres negras têm buscado a organização das mesmas no Brasil e uma intervenção mais articulada nas Conferências Preparatórias à Conferência da África do Sul. Essas articulações estiveram presentes no Chile, onde houve uma Pré-Conferência Oficial e houve paralelamente uma Conferência das ONGs, a Conferência Cidadã, onde estiveram representadas as mulheres desse setor. Houve participação das mulheres negras brasileiras também na Conferência das Américas, o Fórum das Américas, organizadas pelas ONGs e movimentos que aconteceu em Quito, Equador.

Essas articulações estiveram também em Genebra, em 01/06, na II PrepCon- Comitê Preparatório da Conferência Mundial, onde participamos do processo oficial da ONU e no das ONGs, junto a outras entidades

Waris Dirie (Reproduzida de Dirie, W., A flor do deserto. Planeta, Barcelona, 1999)



Ativista contra a mutilação genital na África

internacionais, da discussão do documento final que será levado à Conferência Oficial.

Seria interessante levantar quais as questões que estão postas na preparação desse documento e que, para grande parte das mulheres negras são temas recentes de discussão e, por isso, estamos buscando nos preparar melhor para termos uma intervenção mais qualificada.

Reparação para os afro-descendentes

A principal questão refere-se ao conceito de afro-descendente. Até agora esse não era um termo incorporado amplamente pelas mulheres negras e pelo movimento negro. Não existe uma unidade em torno dessa questão, mas, nesse contexto internacional, nós, junto a outros setores do movimento negro, decidimos selar um compromisso em torno da defesa do termo afro-descendente.

Essa definição cria alguns conflitos no plano internacional, junto à Comunidade Européia, junto aos EUA e Canadá que têm dificuldade de aceitar essa terminologia. Isso porque, logo em seguida, nós estamos discutindo a questão das reparações, que é central nas discussões da Conferência contra o racismo. Porque implica reconhecer que houve, de alguma forma, um tráfico

transatlântico. Houve um tráfico de seres humanos, de pessoas de uma determinada cor, de origem africana que foi um crime de lesa-humanidade. Porque quando se reconhece que houve o tráfico, que esses seres humanos não vieram livremente para o Continente americano ou europeu, se cria a possibilidade de fazer com que os governos criem um compromisso econômico de ressarcir, aos descendentes daquelas pessoas, as perdas devido à condição da escravatura. As reparações decorrem do entendimento de que houve a escravatura por longos anos, as pessoas foram trazidas à força, esse processo de escravidão fez com que as pessoas fossem excluídas de seus direitos como pessoas e cidadãs. Os seus filhos e suas filhas durante todo esse processo também sofreram economicamente, politicamente, culturalmente pela condição em que viveram nesses países onde foram escravizadas.

Do meu ponto de vista, o reconhecimento da identidade afro-descendente unifica porque você vai reparar com medidas concretas para transformar a vida do conjunto dessa população negra. Em relação às políticas públicas existe unidade no movimento negro relacionada à adoção de políticas corretivas na área de saúde, educação, combate ao racismo.

Porém, do ponto de vista de como vai se dar um processo de reparação, existem propostas, mas não existe unidade. Um setor do movimento negro acha que as reparações devem ser feitas pelo estabelecimento de um valor monetário. No presente artigo não é possível abordar essa polêmica.

Do ponto de vista das mulheres feministas negras, o contexto da Marcha Mundial de Mulheres veio ao encontro das nossas reivindicações. Porque quando se discute a pobreza se é levada a perceber que é necessário adotar uma política de combate ao vínculo raça e pobreza, construído historicamente e que coloca a situação das mulheres negras no contexto da exclusão social,

econômica e política do país. A discussão da pobreza evidencia o recorte étnico, já que não só as mulheres brancas sofrem com o projeto neoliberal e com as políticas de especulação financeiras. Vinculando raça e pobreza, você caracteriza um determinado setor de mulheres, as negras, que vivenciam mais duramente a pobreza. E com o enfoque das reparações também se responde a essa discriminação.

O desafio da organização das mulheres negras para definir lutas e políticas

Nos últimos dez anos, a dificuldade das mulheres negras se organizarem numa articulação nacional, não possibilitou criar uma plataforma política das mulheres negras, em torno da qual as feministas negras tivessem um consenso em termos das prioridades das políticas públicas. Nós concordamos em termos de políticas de combate ao racismo, mas não temos uma pauta definida de ações, ainda estamos construindo um campo para a formulação de políticas públicas. Queremos uma política do governo em relação à violência contra as mulheres negras, referentes ao trabalho, à violência doméstica. Mas qual a plataforma das mulheres negras frente ao aborto? E dentre o rol de questões de saúde da mulher, o que as mulheres negras pensam sobre a questão da laqueadura? Temos acúmulo em alguns temas com relação à saúde como a anemia falciforme, a hipertensão, mas o aprofundamento dos temas a partir de uma vivência feminista eu avalio que não foi atingido. As mulheres feministas negras não têm uma definição do que seria uma política, em nível nacional, que pudéssemos defender quanto aos direitos reprodutivos. Existem várias entidades formulando propostas que engatinham em alguns governos democrático-populares como medidas de políticas públicas de gênero e raça, mas dentro da organização de mulheres negras, nós não

temos conseguido construir uma identidade política.

O espaço das Conferências é um espaço de organizações que já vem desenvolvendo ao longo desses anos um trabalho específico das mulheres negras, do ponto de vista da articulação. Mas as mulheres organizadas nos bairros, trabalhadoras, e de outros setores não conseguiram se envolver no processo.

Houve uma tentativa de ampliação da participação que foi a organização para o III Encontro das Mulheres Ne-

referência nacional de articulação de mulheres negras, de ampliar o debate em torno da Conferência Mundial contra o Racismo junto às mulheres de base e de outros setores de socializar a experiência de formulação de políticas públicas nesses últimos 10 anos.

As mulheres negras tentaram, de várias maneiras, se juntar nessa última década, mas, hoje, do ponto de vista político, as entidades de mulheres negras não conseguiram se unificar em torno de uma ação coletiva das mulheres negras.

Iolanda Huzak, (Reprodução do Livro Crianças de Fibra de Jô Azevedo e Iolanda Huzak)



Menina negra, 10 anos, trabalha quebrando pedra

gras Brasileiras, mas foi um outro setor do movimento de mulheres, com outros grupos que se organizaram em torno desse encontro nacional que aconteceu em julho, em Belo Horizonte. A conjuntura política não possibilitou que esses dois processos se encontrassem.

O objetivo principal desse III Encontro será a discussão da organização das mulheres negras no Brasil. É necessário debater as suas possibilidades de organização, a possibilidade de criar uma

Haja vista os dois processos organizativos em curso.

Estou certa de que, embora as prioridades dos dois processos possam ser diferentes, os objetivos comuns são os mesmos: fortalecer a organização nacional das mulheres negras e definir parâmetros políticos para a ação coletiva das mulheres negras.

Gláucia Matos é feminista e militante do movimento de mulheres negras.

As rappers quebrando barreiras

por Maria Lucia Silveira

Quebrando a hegemonia masculina da rima, várias “meninas”, da periferia de São Paulo e Rio invadiram o terreno hip hop com letras sobre resistência e a realidade cotidiana das garotas pobres: histórias de sobrevivência de adolescentes mães, preconceitos, proximidade com o crime e as drogas etc.

Muitas delas com alguns anos de estrada enfrentaram boicotes. DJ Nice, faz performances em São Paulo e ganhou o terceiro lugar no campeonato mundial de Djs. Relata que, no início da carreira, desregulavam seus equipamentos para que ficasse nervosa e perdesse a concentração. Outras mencionam o espanto e a reação dos rappers e do público ao verem uma mulher subir no palco para cantar e não só dançar. Fazer rimas exatas como Dina Dee e o Visão de Rua, nem se fala! Ela radicaliza a crônica feminina cotidiana em seu CD “Ruas de Sangue”, lançado pela gravadora Atração. E tantas outras, estão na cena como: Lady Chris, já veterana; Negra Li, representante da nova geração, vem com uma linha mais melódica; a carioca Gizza que está gra-



Lady Chris ou Lady Rap, destaque na cena hip hop

vando suas letras falando de aborto e prostituição.

Lady Chris, a gravadora Atração e o programa “Movimento de Rua”, da Rádio Imprensa organizam para esse semestre o festival feminino de rap *Minas da rima* para incentivar os grupos de rap femininos e dar-lhes mais visibilidade. As garotas interessadas devem mandar uma música em fita cassete/CD, aos cuidados de Tatiana, Rua Alfonso Bovero, 52, cep: 01254-000, São Paulo.

o que rola

III Encontro Nacional de Mulheres Negras em Belo Horizonte

De 26 a 29 de Julho acontece, em Minas gerais, o III Encontro Nacional de Mulheres Negras com o tema “*Organização de Mulheres Negras no Terceiro Milênio no Combate ao Racismo e à Opressão de Gênero*”. A programação do Encontro é composta dos seguintes painéis: A Organização das Mulheres Negras; Rompendo Barreiras, Rumos e Perspectivas; A Urgência de Políticas Específicas para Mulheres Negras; Internacionalização da luta da Mulher Negra. Haverá também Espaços de Sensibilização e Rodas de discussão para definir formas organizativas e uma Plenária Final.

Para contribuir com as lutas contra as desigualdades sociais marcadas pelas desigualdades de gênero e raça foram divulgados 2 estudos: o divulgado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) mostra que as diferenças históricas entre brancos e negros vem se mantendo e a revista Proposta, da FASE, n. 88/89, traz artigo de Wânia Sant’Anna abordando as desigualdades étnico/raciais no interior das análises do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e do IDG (Índice de desenvolvimento adaptado ao gênero). Nesses dados tornam-se evidentes a desvantagem das mulheres negras em todos os indicadores sociais.

folhafeminista

nº 25 julho de 2001 ISSN 1516-8042

CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Márcia Camargo, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otília Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A folha feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

EQUIPE EDITORIAL

Diretora Responsável: Nalu Faria

Editora: Maria Lucia Silveira

Projeto Gráfico: Alexandre Bessa

Diagramação: Márcia Helena Ramos

Fotolito: Input

Impressão: RWC Artes Gráficas

Tiragem: 1.000 exemplares

Número avulso: R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

Assinatura anual (10 números): R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros
05417-080 – São Paulo – SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: sof@sof.org.br

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

próximos números

- GÊNERO NOS LIVROS DIDÁTICOS
- IMPACTOS DA LEI 9099 NA LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA